

A SAUDADE DO TEMPO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE OS LUGARES DE NOSTALGIA EM PELOTAS (RS)

KARLA NAZARETH-TISSOT¹; SIDNEY GONÇALVES VIEIRA²

¹*Universidade Federal de Pelotas – karlanazarethtissot@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – sid.geo@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Quais são os lugares nostálgicos de Pelotas, como eles influenciam a imagem da cidade no presente e o sentido de identidade dos sujeitos que nela viveram a infância? Essas são as perguntas que pretendemos responder na dissertação de mestrado desenvolvida pelo programa em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPel). Para isso, além de lançarmos o olhar sobre as lembranças dos sujeitos, sempre levando em consideração as discussões sobre a memória social, buscamos inspiração nas investigações do urbanista Kevin LYNCH (1918-1984) que se dedicou em entender como as pessoas percebem a paisagem urbana e como a imagem percebida as afeta.

No livro *A Imagem da Cidade*, LYNCH trabalhou dois conceitos que, quando combinados, facilitariam uma “imagem forte” da cidade, tornando-a, portanto distingível, reconhecível, recordável: o conceito da legibilidade (*legibility*), que consiste na “facilidade com a qual as partes [da cidade] podem ser reconhecidas e organizadas numa estrutura coerente” (LYNCH, 1982, p.13), favorecendo, assim, a sensação de orientação, segurança e uma melhor experiência urbana; e o da imaginabilidade (*imageability*), compreendida como a qualidade que um objeto físico possui “que lhe dá uma grande probabilidade de evocar uma imagem forte num dado observador” (LYNCH, 1982, p.20), ou seja, sua cor, sua forma e até mesmo o **tempo** que coisas, objetos e lugares trazem em si.

Sobre o tempo, pensá-lo atravessa diversas áreas do conhecimento e o consenso entre definições não é uma realidade. Portanto, nessa pesquisa nos dedicamos a abraçar as representações do tempo, a sua percepção, a sua experiência. Dessa forma, como a vida humana, o tempo se apresenta linear e unidirecional (TUAN, 1983). Categorias como passado, presente e futuro nos ajudam a pensar esse tempo, classificando, ordenando e datando o curso da vida. Calendários e relógios nos permitem domesticá-lo e torná-lo passível de ser habitado (CANDAU, 2014). Mas as representações sociais do tempo, o tempo-exterior, nem sempre condizem com o tempo privado, íntimo dos sujeitos, e é sobre essa relação do tempo externo-interno que LYNCH, ainda interessado em pensar a qualidade da imagem dos lugares, abordou no livro *De que Tempo é este Lugar?* (1975).

Nesta obra, o autor se dedicou ao tempo incorporado ao ambiente físico e ao bem-estar provocado quando o tempo percebido está em consonância com a imagem do tempo dos indivíduos. Sua tese defende que **uma imagem desejável seria, então, a que celebra e amplia o presente**, ou seja, quando este “estabelece conexões com o passado e com o futuro” (LYNCH, 1975:2), lhe intensificando, assim, a densidade. Seria como se o presente ocupasse uma área muito pequena para ser habitado de forma satisfatória, portanto ele emprestaria das áreas adjacentes – passado e futuro – recursos que tornam possível a vida nesse espaço restrito. As lembranças e as expectativas serviriam a esse propósito: a memória de quem somos, o aprendizado adquirido por meio das experiências nos permite agir no hoje, construir e lançar esperanças para o amanhã. O que escolhemos lembrar do

passado e planejar para o futuro são forjados a partir do presente e nele também agem (LYNCH, 1975; CANDAU, 2014).

Lembranças e projeções nos colocam, no momento atual, em contato com as outras temporalidades. Por vezes, esses atos vão além do pensamento e ativam sentimentos e emoções que agem no corpo e se tornam um “estado de coisa presente”¹. No caso das projeções para o futuro, por exemplo, sentimentos como esperança, ansiedade. No caso das lembranças, alegria, saudade. E quanto o interesse pela nostalgia reside justamente no fato de ela ser um tipo de saudade, pelo seu caráter ambivalente, agriadoce, mas principalmente porque é uma saudade ativada a partir da percepção e/ou recordação de algum período de **tempo** de que se sente falta, a nostalgia é a saudade do tempo que, como comentado, pode estar *incorporado* a lugares, coisas e pessoas. Em vista disso, então, que nos dedicaremos a pensar os lugares nostálgicos, e a partir da presença (ou não-presença) dos mesmos, proporemos uma diferente perspectiva sobre a imagem da cidade de Pelotas.

2. METODOLOGIA

A investigação se caracteriza como um estudo de caso que foca na identificação e análise dos lugares nostálgicos de adultos que tenham vivido a infância em Pelotas entre as décadas de 1980 e 1990. Dentro desse grupo, nosso interesse também se restringe aos sujeitos que se identificam como a última geração “análogica”, ou seja, sem a influência/utilização de computadores, internet ou qualquer outro equipamento digital durante a infância e início da adolescência². Além de pesquisa bibliográfica, as técnicas utilizadas para coleta de dados são as entrevistas com o suporte de mapas e questionário semiestruturado, e observação da cidade, dos lugares e, quando possível, dos sujeitos diante dos mesmos. A transcrição das entrevistas e demais anotações serão submetidas à análise de conteúdo para a apresentação de conclusões.

Entendemos também que, como a relação das pessoas com a cidade vai além do hoje, interligando-se a diversas camadas de significados sobrepostas no decorrer do tempo, nas quais o que é evidente no espaço é apenas aparência, pois ele traz em si traços de outras épocas (o que pode ou não influir intimamente na relação do indivíduo com o mesmo), todo o procedimento metodológico previamente descrito será abordado por meio da dialética do método Recessivo-Progressivo (LEFEBVRE, 1978). Essa concepção metodológica interpreta o presente como uma simultaneidade de tempos e que, por esta razão, só pode ser elucidado retornando às temporalidades que nele coexistem. O processo implementado por Lefebvre possui três momentos distintos devidamente adaptados³ para a estrutura desse trabalho:

Descritivo: contextualização e descrição do presente a partir da percepção dos interlocutores: como essas pessoas se relacionam com Pelotas e quais valores atribuem à cidade nos dias de hoje. Identificação dos espaços nostálgicos.

¹ Emprestando a ideia de BERGSON (1999) a respeito das sensações materializadas a partir das lembranças (ainda que ele se referisse às ações sensório-motoras), esta deixaria de ser “do fundo do passado” e passaria ao “estado de coisa presente” (BERGSON, 1999:163).

² Originalmente, a metodologia proposta por Lefebvre consiste nas etapas: (1) Descritiva: observação inicial da realidade em curso no presente, descrição do que é visível orientada por uma base teórica. (2) Analítico-regressiva: datação do passado, decomposição da realidade na tentativa de datar diferentes processos históricos, retorno aos momentos que definiram o presente. (3) Histórico-genético: reencontro com o presente elucidado, compreendido e explicado. Tentativa de revelar todas as possibilidades não realizadas (VIEIRA, 2002).

³ Questionário compartilhado através de algumas redes sociais, com ênfase no Facebook, nos permitiu delimitar melhor o público alvo a partir das respostas de 258 pessoas. O endereço pode ser acessado em: <<https://goo.gl/forms/SARQpKleAXdCyT3t1>>.

Analítico-Regressivo: retorno ao passado especificamente datado: a infância. Nesta fase, as lembranças são coletadas a fim de identificar os relatos que melhor elucidem a relação dos participantes com os lugares nostálgicos no presente.

Histórico-genético: interpretação da imagem nostálgica da cidade a partir do quadro teórico e do confronto entre os dois primeiros momentos. Considerações finais apoiadas nas possibilidades para o futuro indicadas pelos interlocutores.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após o exame de qualificação, essa pesquisa passou por algumas revisões que são agora apresentadas resumidamente neste texto. Os pontos mais debatidos giraram em torno da metodologia e dos sujeitos de pesquisa. Sobre a metodologia, a proposta anterior possuía muitas etapas e ferramentas que mais prejudicavam do que ajudavam no andamento e na resolução do problema de pesquisa; sobre o público-alvo, repetíamos a mesma falha encontrada também nas pesquisas de LYNCH: a delimitação socioeconômica pouco definida. O próprio autor relatou esse problema que, para ele, deveria ser resolvido através do equilíbrio estatístico das classes sociais, etárias, profissionais (LYNCH, 1982). No nosso estudo de caso optamos por definir, além da faixa etária mencionada anteriormente, o grupo socioeconômico que estatisticamente possuísse maior participação entre os respondentes do formulário compartilhado por meio das redes sociais. Sabemos que a tendência de um formulário aplicado exclusivamente via internet é a de retratar o perfil dos internautas e não dos habitantes da cidade como um todo, mas acreditamos que o grupo delimitado nos permitirá compreender uma parte da realidade de maneira mais consistente do que se a amostra fosse aleatória e baseada em poucos critérios. Para essa investigação, então, o grupo passará a ser composto por pessoas que se autoreferenciaram como classe-média durante a infância vivida entre as décadas de 1980 e 1990, que não tenham possuído acesso a internet e computadores até meados da adolescência e que possuam nível superior completo. Dentre as pessoas que se voluntariaram para participar das entrevistas, foram entrevistadas quatro que correspondem ao perfil delimitado. O número ainda reduzido de entrevistas já nos possibilitou incrementar as estratégias para a condução das demais conversas, revisar o método e examinar o referencial teórico. E os lugares nostálgicos, pouco a pouco, vão sendo delimitados no mapa da cidade⁴.

4. CONCLUSÕES

Como comentado anteriormente, o trabalho encontra-se em sua fase de coleta de dados, sendo a saturação o critério determinante para a interrupção das entrevistas (DESLANDES, 2009). Espera-se que, independentemente do tamanho e das características do grupo entrevistado, a consistência do que for proposto nesse projeto possibilite a aplicação da pesquisa entre outros públicos e, até mesmo, daqui a algumas décadas, entre o mesmo grupo. Neste caso, com o passar do tempo, será possível investigar questões como: os lugares nostálgicos se manterão ou serão esquecidos? Até que ponto os lugares nostálgicos do hoje servirão de referência para os do futuro? Qual será o futuro da nostalgia em Pelotas? Será de uma riqueza científica poder comparar esses dois momentos de rememoração, senão por esta pesquisadora, por outros que se interessem pelo tema no futuro.

⁴ A priori, os lugares estão sendo demarcados em um mapa on-line e pode se acessado através do endereço: <https://drive.google.com/open?id=1wy2yv8QljWR0puKR-SsD34Lp_kQ&usp=sharing>.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGSON, H. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CANDAU, J. **Memória e Identidade.** São Paulo: Contexto, 2014.

DESLANDES, Suely F. O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual. In: MINAYO, Maria C. S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Editora Vozes, 2009. p. 31-60. (Capítulo 2).

LEFEBVRE, H. **De lo rural a lo urbano.** Antología preparada por Mario Gaviria. Barcelona: Ediciones Península, 1978.

LYNCH, K. **¿De qué tiempo es este lugar? Para una nueva definición del ambiente.** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1975.

LYNCH, K. **A Imagem da Cidade.** Martins Fontes: São Paulo, 1982.

TUAN, Y. **Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência.** São Paulo: DIFEL, 1983.

VIEIRA, S. G. **O Centro Vive. O Espetáculo da Revalorização do Centro de São Paulo: sobrevivência do capitalismo e apropriação do espaço.** 2002. 480f. Tese (Doutorado em Geografia) - UNESP. Rio Claro, SP, 2002. PDF.